

4 Outubro 2007

**Participação da Associação ILGA Portugal no evento
"Discriminações... ainda por ser mulher?!"**

O evento, organizado pelas ONG de Direitos de Mulheres que integram o Conselho Consultivo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), enquadrou-se no Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Tod@s. O evento decorreu na passada 4ªfeira, dia 10 de Outubro, nas instalações do Centro Cultural Casapiano em Lisboa - e contou com a participação de Joana Amaral, Vice-Presidente da Direcção da Associação ILGA Portugal, que chamou a atenção para a discriminação das lésbicas. Poderá ler o depoimento em baixo.

Eu sou discriminada porque sou uma mulher que ama outra mulher. Sou discriminada porque sou lésbica – “lésbica”, uma palavra que eu nunca ouvi pronunciada por qualquer membro do Governo ou por qualquer pessoa com um cargo político de relevo. Sou discriminada porque para o Estado português ou não existo ou não devia existir.

Sou discriminada porque a sociedade e o Estado português continuam a achar que uma mulher só existe enquanto mulher se depender de um homem. Sou discriminada porque a ficção da heterossexualidade universal continua a negar a minha realidade - que é a realidade de tantas e tantas mulheres em Portugal. Sou discriminada porque é a própria lei que ainda me nega e me exclui, que ainda me recusa a dignidade, o respeito e a igualdade.

Sou discriminada porque o país a que pertenço me recusa a possibilidade de aceder ao casamento civil. Sou discriminada porque os direitos fundamentais só são fundamentais para alguns e algumas.

Sou discriminada porque a minha relação e o meu amor são vistos como inferiores, como sujeitos, negativos, passageiros, negligenciáveis - e porque este é afinal o pior dos insultos. E sou discriminada porque o próprio Estado continua a dizer que o insulto é legítimo, que a homofobia é legítima e que a minha relação não pode ser vista como absolutamente equivalente às demais.

Mas também sou discriminada porque, por entre estímulos à natalidade, o Estado tenta negar-me de todas as formas a possibilidade de ser mãe. Porque em relação à parentalidade, o "medo das lésbicas" é tal que a recente lei que regula as técnicas de procriação medicamente assistida só permite o acesso a mulheres devidamente tuteladas

por homens, excluindo até as mulheres solteiras. Sou discriminada porque a lei portuguesa consegue até dizer que é melhor uma criança estar numa instituição do que ser adoptada por mim e pela minha companheira. Sou discriminada porque o Estado e a sociedade são capazes de, sem pensar duas vezes, limitar até os direitos das crianças para limitarem a minha vida.

E, claro, sou discriminada porque sou mulher - só que sei bem que só deixarei de o ser quando deixar também de ser discriminada por ser lésbica.

Porque ao ser lésbica estou a violar o papel de género que me querem impor, porque é a sexualidade que estrutura as próprias relações de género, porque o sexismo continua a usar a homofobia como "tábua de salvação".

Porque acredito que no casamento não deve haver "papéis" nem "complementaridades" baseadas no género. E na parentalidade não pode ser o género a definir limites e "funções". Enquanto não recusarmos a homofobia, continuaremos afinal a apoiar o sexismo.

É fácil fazer com que estas discriminações sejam eliminadas e é fácil ter um impacto forte na luta contra o sexismo e contra a homofobia - basta haver vontade de acabar com estes apartheids legais. Até lá, continuarei a ser discriminada por ser mulher, por ser lésbica e por me atrever a ser a pessoa que sou.

Joana Amaral

Vice-Presidente da Direcção da Associação ILGA Portugal

